



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 22 de Setembro de 1979 * Ano XXXVI — N.º 927 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notas do Tempo

1 Os meus dois companheiros já deram cada qual sua notícia. Não é muito vulgar entre nós este desejo espontâneo de escrever. Foi o ambiente que lhes criou a quase necessidade. Agora, o regresso das alturas do «mosso» moinho à chateza da civilização urbana motiva-me a este desabafo. Escrevo do Porto, depois de voltas por entre a freima ruidosa das ruas da cidade.

O urbanismo desumaniza. O som é um valor quando concertado, harmonioso. O barulho das motorizadas, nesta idade delas e do plástico, é um atentado aos ouvidos dos homens. Felizmente que o hábito embota a sensibilidade: ensurdece-os para o que constantemente ouvem. Mas tal representa a suspensão de uma das

suas faculdades; importa uma diminuição de si-mesmos; significa o atropelo de que são vítimas da parte da civilização que criaram. A poluição sonora é apenas um exemplo de todas as poluições que afectam a vida do Homem.

O regresso à Natureza é um regresso do Homem a si-próprio, uma possibilidade de se reencontrar com a sua plenitude. A carência de instrumentos sofisticados dá-lhe a oportunidade de exercitar o seu engenho. A automatização é uma arma que se volta contra quem a inventou: monotoniza, subtrai novidade ao quotidiano; sendo feita para facilitar a vida, rouba-lhe o sabor, cansa. O Homem foi feito para conquistar, para dominar. Foi o primeiro mandamento que Deus lhe deu ao entregar-lhe a Cria-

ção. Pena que mesmo cumprindo-o materialmente, tenha subvertido a ordem divina! O orgulho possui-nos tão facilmente e nós perdemos o sentido da meta. O mundo nunca é a meta do homem. Ultrapassada uma, outra se antevê. Correr incessantemente na alegria das vitórias conseguidas, mas na certeza de que restam sempre caminhos não andados, é a garantia da novidade que tempera a vida e lhe conserva o interesse. Só o infinito sacia o homem. Mas ele não é dimensão possível no Tempo. Só a Eternidade é a situação (o tempo...) do infinito. Sabê-lo não é causa de desespero, antes estímulo para andar sempre até essa meta física que nos projectará na transcendência que Deus projectou para o Homem.

O tempo em que vivemos é a era do preparado, do pré-fabricado, desde a alimentação ao vestuário, aos próprios meios de diversão. Pai Américo anota algures nos seus escritos a surpresa de pedagogos estrangeiros de visita à nossa Aldeia perante a alegria dos rapazes brincando com coisas de sua fábrica: arcos, an-

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

O homem virtuoso é, por si, discreto, sem badalos ou promoções publicitárias. A sua vida assenta em convicções profundas e, por isso, é perseverante e tenaz. As dificuldades que lhe possam surgir são motivo para maior aplicação e mais lúcido discernimento das coisas e das pessoas. Como recusam a exterioridade, não se gloriam dos êxitos alcançados nem se deprimem ante aquilo que muitos consideram derrotas. Lutam, rindo ou chorando, sem arrogâncias. A sua consolação reside na satisfação do dever cumprido, nem que outros se aproveitem dos seus sacrifícios e trabalhos.

Foi a sepultar há poucos meses, aqui bem perto desta Casa, sem que de tal dêssemos conta, um Homem. Funcionário competentíssimo do Registo Civil, como poucos, sempre que da Obra lhe eram solicitadas certidões ou documentos de outra natureza, liquidava do seu bolso os emolumentos ou o que houvesse a pagar. No entanto, tanto quanto sabíamos, vivia do seu modesto ordenado. Lia O GAIATO com sofreguidão e, logo que lido, tornava-o operacional, em ordem a que outros o lessem

também. Quaisquer iniciativas da Obra mereciam-lhe comentários adequados, sugestões sempre válidas ou pedidos de esclarecimento pertinentes. A ele se deve, por exemplo, logo que começou o Totobola, o alvitre de se cobrar dez ou vinte centavos por boletim de aposta em favor da construção de casas para os mais desfavorecidos. Os Pobres, em particular as crianças e as pessoas idosas, eram alvo permanente do seu interesse. Connosco trocaram inúmeras vezes impressões sobre as dificuldades e as carências dos Irmãos. De uma Instituição morta há muitos anos, apesar dos bens que possuía, levou-a a tornar-se viva e prometedora. Com o auxílio de sua devotada Esposa começou por fazer a limpeza das instalações, cheias de poeira e teias de aranha; depois, furando por aqui e por ali, buscando apoios humanos e financeiros, lançou-se na execução dum projecto audacioso, numa terra onde nada havia, para levar a cabo a construção de instalações modernas de apoio à terceira idade e à primeira infância. Paradoxalmente, poucos

Cont. na 3.ª página

REFLECTINDO

● Batem à nossa porta irmãos aflitos com os seus dramas, fazendo eco na nossa dor de não ter possibilidades de a todos dar alívio. Na nossa pasta os pedidos de admissão transbordam. Cada sobrescrito encerra uma história triste vivida por vítimas das mais diversas razões. Palpamos pois com frequência a dor de muitos Irmãos nossos.

Uma tarde destas sou procurado por um homem idoso que me vinha expor o seu problema. Viveu em tempos maritalmente com uma mulher que depois de se separar dele teve dois filhos deficientes mentais. Mais tarde vieram viver para perto dele e foi ele quem os foi guiando, e amparando. No princípio do mês comprava-lhes a mercearia e em cada dia lhes dava o necessário. Os dois moços têm agora dezanove e vinte anos..., altos e fortes, mas sem cabeça para se guiarem.

Pois o senhor que veio falar

comigo atingiu a reforma e queria ir viver com uma filha dele, que o recebe com muita alegria, mas não aos dois rapazes que não lhe são nada. Ele quer ir, mas não tem coragem de abandonar aqueles deficientes que não têm pai e a quem ele foi guiando; e, por os conhecer, sabe que se ficarem sózinhos entrarão na desgraça.

Gostei de sentir a sua consciência. Não lhe pertencem, poderia não se importar. Já está com muita idade e poderia deixar-se de trabalhos. Ansioso por ir para o conforto da casa da filha, podia fechar os olhos às desgraças dos Outros, mas não, continuará a procurar até os deixar em lugar seguro e só depois partirá descansado.

● Também há poucos dias uma senhora me procurou e contou ao que vinha:

— Sou catequista, nas mi-

Cont. na 4.ª página



Um recanto da nossa Casa do Tojal: Escolas e a casa de habitação dos médios.

PELAS CASAS DO GAIATO

Ericeira

FÉRIAS — Tanto quanto o seu significado comporta, férias é tempo de descanso, que assinala o quebrar da rotina absorvente do dia-a-dia. Em suma, um espaço de tempo, através do qual se processa o renovar das energias para a realização de mais um período no qual estão incluídos doze meses.

Para muitos, talvez seja uma surpresa saber que o inventor das férias foi Deus. Foi Ele de facto o primeiro a tê-las, depois de uma semana de trabalho; e, porque nos fez à Sua imagem e semelhança, quer que também nós as tenhamos. Por sinal uma passagem do Evangelho narra que, certo dia, Jesus disse aos Apóstolos que regressavam da sua primeira missão: «Vinde para um lugar a sós». Não se trata só de uma grande solicitude de Jesus por Seus Discípulos, mas também dum reconhecimento da necessidade de descanso, de um espaço só, vazio de angústias e de canseiras. Este é o significado da palavra férias.

Com o Verão, repleto de ilusões, e, após um ano de trabalho ou estudo, chegam elas..., absolutamente indispensáveis para quem trabalha.

Mas, quando poderemos afirmar que com o Verão chegamos, para todos os Portugueses, esses tão necessários e merecidos dias? Não será mentira, se disser (sem receio de me enganar) que mais de um terço dos Portugueses não sabem o que são férias.

Elas são, naturalmente, para além duma conquista social de quem trabalha, um prazer para o corpo e para o espírito e um sonho que dura quase durante o ano inteiro. De facto, todos os dias podemos pensar em nossas férias, até àquele dia em que as começamos a gozar. Quando então nos encontramos em descanso, ou seja na localidade que previamente escolhemos, começamos logo a pensar em novos projectos. Quando chegamos ao fim, eis que de novo nos alegramos ao pensar nelas, muitas vezes servindo-nos das fotografias ou dos filmes ou dum simples postal ilustrado, para as recordar.

Devido ao grande número de admissão de Rapazes em nossa Casa do

Tojal, verificado depois da última época balnear, foi necessário este ano começar a praia mais cedo para dar a todos oportunidade de poderem gozar as suas férias nos melhores dias. Assim, no dia 1 de Julho partiu o primeiro turno e, como sempre, agrupando os mais novinhos. Este ano esteve com eles a Zé, uma jovem estudante lisboeta, que neste ano de 79, Ano Internacional da Criança, lhes quis dedicar parte das suas férias. A Zé o nosso agradecimento.

Nos grupos em que tomei parte pude observar que, e à maneira de cada responsável, as férias decorreram sob o signo da liberdade: liberdade de nos levantarmos de manhã à hora mais aprazível, liberdade no que respeita às obrigações quotidianas, liberdade de certas regras... Não de todas as regras. Os mais responsáveis, mesmo no clima de «liberdade» própria das férias, convém não esquecê-las, se quisermos que elas nos sejam úteis à saúde, a nós e àqueles que temos a nosso cuidado. Não é só no cumprimento de horários, mas em toda a disciplina, senão deixam de ser tempo de repouso para ser de fadiga. Onde não há disciplina não há harmonia, regras essenciais para um bom período de férias.

Como no ano passado, novamente este ano esteve connosco a sr.^a D. Albertina, que mais uma vez, à sua maneira, nos quis proporcionar boas refeições.

Sucedidos quinzenalmente os quatro turnos, o último, está no fim, até 10 de Setembro.

Resta desejar boas férias aos amigos leitores, que actualmente as gozam, àqueles que já tiveram a oportunidade de as gozar, os votos de que tenham sido umas boas férias, tanto quanto o seu significado comporta.

AGRADECIMENTO — Numa crónica do Tojal, pedia revistas «Família Cristã».

Não foi preciso mais que o tempo necessário para um despacho e elas cá chegaram. Já temos alguns anos completos, mas ainda nos faltam alguns números para completar outros.

Aos leitores amigos, empenhados na resposta aos nossos pedidos, muito obrigado.

António José

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O Decreto-Lei 191/79, publicado no «Diário da República» de 25 de Junho p. p., procura, «fundamentalmente, adaptar o regime de sobrevivência dos funcionários e agentes de Administração Pública às grandes linhas que passaram a enformar o ordenamento jurídico português». E, «paralelamente — sublinha o legislador — adoptam-se algumas medidas destinadas a aliviar situações de injustiça relativa em que se encontram familiares de funcionários ou agentes que só não beneficiam de pensão por razões ligadas à data do falecimento destes».

Luz verde para casos pendentes! Como este:

Um electricista do quadro de uns Serviços Municipalizados faleceu, electrocutado, no seu posto de trabalho, há cerca de 10 anos. Desde aí, a Viúva e os filhos jamais receberam uma cêdula! «Tem corrido Seca e Meca», «sofrido as passas do Algarve» — e

nada! Face à prolongada omissão da Lei, não poderia a edilidade ter logo criado uma verba no orçamento para suprir a injustiça, como fariam para coisas supérfluas?!

Retomámos a *via-sacra* burocrática, até ser deferida a suspirada pensão de sobrevivência.

PARTILHA — Para os compromissos à nossa responsabilidade, recebemos 400\$00 de velha Amiga de Alijó. Com o «anonimato habitual», 500\$00 de Oliveira do Douro. Algueirão «pequenina lembrança sufragando a alma de meu Pai»: 2.000\$00. Casal-assinante 17022, 200\$00. Pela mão do «Ri-ri», mais dois mil, de Aveiro, com um voto cristão: «Que Deus os vá sempre ajudando a fazer o bem de muitas maneiras». Assinante 19177, do Porto, duas ofertas, pois «não quero que se saiba quanto eu dei».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

O nosso Moinho

É a primeira vez que escrevo para o «Famoso» e é a primeira vez que

me encontro aqui em S. Domingos.

O tempo continuou bom para os nossos banhos de sol, seguidos dum refrescante duche.

Agora que os coelhos começam a sair das tocas, um encontro com um seria bom, pois poderíamos saborear um petisco de coelho preparado pelo nosso mestre de cozinha!

Aconteceu que eu encontrei um coelho. Apanhá-lo foi fácil porque o pobre animal estava doente, privando-nos assim de saborearmos o manjar.

Quanto às minhas botas, o atrevido do cão não mas quis devolver, fazendo com que eu andasse descalço pelo monte, o que era muito mau.

Durante estas últimas noites pudemos ver a iluminação da Senhora dos Remédios.

Quando regressámos, viemos um pouco tristes porque tínhamos deixado para trás um lugar maravilhoso e silencioso, com bonitas vistas.

Agradeço às pessoas de Fontelo de S. Domingos o acolhimento que nos deram, em especial à família do sr. Manuel e sr.^a Alzira.

Um abraço para os nossos amigos leitores deste amigo

«Réguas»

Novos Assinantes de «O GAIATO»

O tempo de férias, naturalmente disperso para a maioria, não deixa arrefecer o interesse pela expansão de O GAIATO!

Nos últimos quinze dias surgiram notas muito curiosas. Tão expressivas que, por amor à verdade, não poderíamos deixar da transcrever.

Uma carta de Bombarral afirma:

«Envio este cheque para a assinatura de O GAIATO. Já há anos fui b assinante 7364, ainda no tempo de Pai Américo. Depois tive de emigrar. Regressei, entretanto, graças a Deus e já conto 70 anos.

Quando eu morrer quero continuar a ser assinante; já disse a minha filha para depois pagar a continuidade.

(...) «Pai Américo triunfou: passou da vida à Vida por sobre um abismo que se chama morte. Respondeu presente à chamada de Cristo.»

Um motivo de perseverança desta coluna é exactamente procurar a passagem do facho de pais a filhos; a manutenção do Lume que arde e permanecerá até quando Deus quiser. Ora aqui está:

«Meu Pai... foi vosso assinante durante muitos anos. Infelizmente faleceu no mês de Maio e, por isso, eu vinha pedir para não continuarem a mandar o simpático jornal em seu nome, mas no meu...»

É um carta da Figueira da Foz.

No entanto, seguindo a pista de S. Paulo, quantos se lançam na Rua prospectando novos leitores! É trabalho apaixonante, que gera apaixonados. Trabalho que requer muitas energias espirituais. Mas todos ou quase todos actuando como vem na Sagrada Escritura: dando graças a Deus pela colheita e sacudido a poeira das sandálias por qualquer recusa.

Acção apaixonante! Ora leiam:

«Mando uma nova assinatura em nome de..., a quem dei a ler o «Famoso», que a deixou encantada.»

É mais uma leitora de algures. Feliz. Sim, não há melhor felicidade que tornar os Outros felizes!

Temos uma lista de oito assinantes do Estoril com a particularidade de serem só jovens. Não há dúvida, têm aparecido delas assim e é bom que continuem. Além de sermos uma «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes», o futuro do mundo está na mão da Juventude.

Esta leitora foi oportuna. São jovens «minhas conhecidas que gosto de saber interessadas na leitura de O GAIATO».

Como síntese da correspondência chegada a nossas mãos, sublinhamos, ainda, a inscrição de 27 novos assinantes por intermédio de Rui. É gente da Murtosa, Praia de Mira, Gafa-

nha da Nazaré, Ílhavo, Gafanha da Encarnação, Veiros, (Estarreja), Ançã, Vagos, Cabeço de Mira, Costa da Caparica, Lisboa e Almadã.

Caso curioso: cada um deles confirmou, na lista, pelo seu punho, que se vincula d'alma e coração a O GAIATO. Admirável!

Agora, já não tanto. Mas, dantes, havia um ou outro — com a melhor das intenções — que propunha esta ou aquela pessoa como provável assinante, sem prévia consulta. Resultado: o processo feria, naturalmente, a liberdade individual e causava problemas sobre problemas. Agora, quase toda a gente sabe que O GAIATO só interessa a quem se decida previamente a recebê-lo.

Felicitemos a atitude do Rui. E a simpatia de quantos conquistou para a Família de O GAIATO.

Temos, ainda, novos leitores de Porto, Lisboa, Coimbra, Barreiro, Canelas (Gaia), Ribeiros (B. B.), Braga, Aldeia da Ponte (Sabugal), Chamusca, Quarteira, Gouveias (Tarouca), Évora, Bencanta (Coimbra), Fânzeres, Rio Tinto, Setúbal, Esposende, Vila Nova de Gaia, Queluz, Vila da Feira, Mação, Aveiro, Amarante e Valbom (Gondomar).

Além fronteiras: Caracas (Venezuela), St. Ouen e Grenoble (França).

Júlio Mendes



Nossa Casa de férias em S. Julião da Ericeira

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

dias após a sua morte, era inaugurado um edifício majestoso para o efeito, quando havia já sido marginalizado, embora o tivessem feito, à maneira de compensação, sócio honorário, «honra» que nada lhe agradou nem procurou, como ouvimos da sua boca dizer.

Morreu um Homem mas não morreram as suas obras nem os seus exemplos de dedicação aos Outros. Testemunha, como poucos, das suas canseiras e das suas preocupações, aqui deixamos estas simples palavras de respeito e de homenagem. O bem feito ninguém o poderá destruir. A amizade dedicada à Obra, os incentivos e as atenções recebidas, obrigam-nos a estas palavras de gratidão e de saudade. Paz à sua alma, bom Amigo, e até breve, que o tempo foge.

□ A gratidão é uma virtude que gostaríamos sempre de cultivar. Ora nós somos agradecidos por todo o bem recebido. Mas ser grato não exige

falta de personalidade, antes a supõe. E ter personalidade, se repele toda a soberba e qualquer bajulice, obriga-nos a ter respeito pela nossa própria dignidade e pela dos Outros.

Vêm estas palavras acima, a propósito de querermos proclamar que a Casa do Gaiato não é caixote do lixo. Sim, que há, por vezes, quem entenda o contrário, enviando-nos roupas, objectos ou coisas que não se devem dar a ninguém. Haja respeito pelos Outros e pela sua dignidade! E se queremos deitar algo fora, por estar estragado ou gasto pelo tempo, que se procurem as lixeiras ou contentores de lixo.

□ Chegou-nos ao conhecimento os novos aumentos. Não desesperamos, porque sabemos que esta Obra é de Deus e que Ele não nos faltará com o Seu auxílio e a Sua protecção. O nosso trabalho, cada vez mais empenhado, e a ajuda dos nossos Amigos, nunca recusada ou desmentida, hão-de proporcionar-nos os meios para assegurarmos as quatro refeições diá-

rias e o que for indispensável para a sobrevivência dos nossos Rapazes, daqui a pouco quase 120. Todavia, é caso para perguntar aos Responsáveis deste País quais vão ser as medidas tomadas para defender os mais pobres e desprovidos deste mundo. Esta Casa, que recebe 99 contos por ano de auxílio oficial normal (10 a 15 contos aos valores de 1964) talvez devesse dispensar tão irrisório subsídio, aviltante para quem o recebe e indigno de quem o concede. É que se não queremos brincar às caridadezinhas, também repelimos as injustiças e nos causam náuseas os «slogans» de maior justiça e de interesse pelos mais fracos, quando não acompanhados de actos de coerência. Haja em vista, por exemplo, que um gestor de empresas, fora as acumulações tão frequentes, recebe cerca de 70 contos mensais; para lá dos serviços e benefícios que usufrui. Onde está a moralidade e o respeito pelos Outros?

Padre Luiz

Livro «O Calvário»

● «O livro veio-me trazer a luz desejada. Tudo ali é sublime, esmagador! Li-o e reli-o com a maior emoção e respeito e só a inspiração e a fortaleza de Deus podem aguentar uma

Obra assim, que tão sablamente fala às almas e corações.

Nós, casal sem filhos, com experiência duma longa vida passada em diversas partes do mundo e com responsabilidades

de consciência cristã esclarecida, também estamos há cerca de três anos a subir um bem íngreme calvário! Aquele que Nosso Senhor, nos Seus insondáveis desígnios, reservou para ambos nós, e que é, e continua a ser, bem amargurante!

Meu marido depois duma grave trombose ficou imobilizado. Hoje, «vive sem viver»; por vezes, quase sempre, é como se fosse um morto vivo. Martirizante! Tem sido admirável na aceitação desta rude e longa provação, o que é um favor do Céu.

Ambos sofremos muito, mesmo muito, curvados à vontade de Deus.

Os testemunhos vivos de O CALVÁRIO vieram trazer mais coragem aos nossos dilacerados corações, embora compreensíveis.

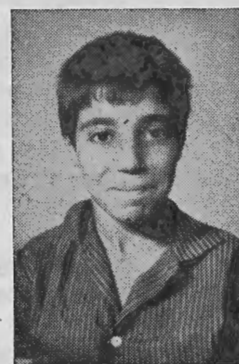
● «Segue um vale de correio para me mandarem dois livros O CALVÁRIO. Já tenho um, mas estes são para oferecer. Ao lê-lo, vem-me sempre a ideia de mandar um à esposa dum dos nossos políticos, homem bom e cristão. Ele não deve ter tempo para ler, mas a mulher poderá a pouco e pouco pô-lo ao facto do que se passa com os doentes incuráveis que são mandados sair do hospital sem se lhes dizer para onde... e quem os vai tratar e alimentar!

Hoje fala-se muito de creches e jardins de infância. São coisas realmente úteis e precisas; mas ajudar estes pobres doentes será menos preciso?...

Meu marido — sou viúva — era um dos grandes amigos do «Américo do Chinde»... Ouvi-o

Retalhos de vida

O OLIVEIRA



Eu sou o Manuel Carlos de Oliveira Neves, nasci em Ilhavo dia 26 de Junho de 1965.

Tenho três irmãos e o meu pai morreu tinha eu um ano. A minha mãe trabalhava na lavoura, mas já está velhota porque sofreu muito, esteve doente dos pulmões num Hospital de Gaia. Gosto muito da minha mãe e dos meus irmãos, dois solteiros e uma casada.

Como a minha família não me podia sustentar, o sr. Padre da minha freguesia pediu para eu vir para a Casa do Gaiato, aonde estou desde 14 de Novembro de 1977.

Por lá, eu fugia à Escola; agora não. Não gostava da Escola, ia à pesca, no rio da Gafanha, com o ti Miguel. Quando arranjava peixe ia para Aveiro vender, ficava com o dinheiro e só entregava algum à minha mãe, pois gastava em tabaco, chocolates, rebuçados; e os pescadores é que me davam por lá o tacho.

Tive muitas saudades daquela vida. Quando vim para a Casa do Gaiato só queria telefonar para a minha terra, mas depressa comecei a gostar cá da malta de Paço de Sousa. A minha vida vai rolando da melhor maneira.

Ao princípio fui fazer limpeza nas casas da nossa aldeia; depois fui para as vacas e dava de comer ao gado, tirava o leite, cegava erva. Era um trabalho de que gostava, porque lá na Gafanha ajudava o meu primo neste serviço. A seguir fui para a nossa padaria com o Rafael e, agora, estou na lenha e ando na Escola e quero ir até ao 5.º ou 6.º ano do Liceu.

Ainda não sei o que hei-de ser, vou pensar, mas apetece-me ser fotógrafo. Os fotografos são uns grandes artistas.

Manuel Carlos de Oliveira Neves

várias vezes falar mele, mal sabendo então que este rapaz, que eu então admirava, seria um dia o grande Padre Américo!»

● «Tive a grande alegria de receber O CALVÁRIO. Que maravilha! Podem acreditar que essa leitura me ajudou — e de que maneira! — na assistência a um familiar canceroso, ao qual, segundo creio, dei tudo o que podia.»

● «Sou assinante do «Famoso» há mais de 33 anos! Leio O GAIATO de fio a pavio e depois passo-o a um vizinho que faz parte dum grupo juve-

nil e que é professor primário.

Também já recebi o impressionantíssimo CALVÁRIO. Meu Deus! Meu Deus! Que tristeza saber que há tanta miséria, desprotecção, indiferença, amargura, desprezo... no mundo. E que maravilha saber que ainda existem Obras com tanta Caridade, com tanto Fogo Sagrado, com tanto verdadeiro Amor que até conseguem reconciliar-nos com esta feia (des)Humanidade!

Perdoem só agora enviar o meu pobre contributo. Estou envelhecida (74 anos), adoentada. Sou vicentina no meu bairro, que também é pobre. E estou bem longe de ser rica.»

Setúbal

■ Outro dia soube que, naquela Escola Primária, certa professora mandava p'ra rua as crianças menos dotadas ou mais inquietas. É mais fácil. É atraso em cima de atraso. É a falta da professora. São as estruturas deturpadas que não preparam gente capaz de ensinar e conduzir p'ra vida estas crianças mais desfavorecidas, tantas vezes a consciência de quem ensina está tapada por uma névoa de indiferença e egoísmo. E a «escória» da rua continua a ser enlatada em bonitos discursos, em direitos que são escárnio. E os que os ditam descansam comodamente. Até quando a irresponsabili-

dade dos grandes?

■ O «Fátima» fugiu. Soube por um dos nossos pastores das ovelhas que ele andava a rondar a nossa Casa. Fui ter com seu irmão Fernando e disse que tentasse chamá-lo. «Eu já fui ver se o via mas não consegui.»

Fernando é mais dotado do que o irmão. Daí a compreensão de o chamar. É difícil esquecer o hábito da aventura. Ele tem ido a casa de vizinhos e rouba.

Como fazer para acordar estes rapazes?

Cont. na 4.ª página

Férias

Se me não lembra Azurara,
Perco o menino que fui.

Perco o menino que fui,
Dele esqueço o que ficou,
Se me não lembra Azurara
Nas areias que pisou.

Nas areias que pisou,
Da foz do Ave ao Mindelo,
Se me não lembra Azurara,
Corro o risco de perdê-lo.

Corro o risco de perdê-lo,
Menino sem tempo ou espaço,
Que à falta de balde e pá
Brinquedo fez do sargaço...

Brinquedo fez do sargaço,
Teve nas dunas abrigo,
Viu traneira, viu farol
E comeu do pão de trigo...

E comeu do pão de trigo,
Dobrou o rio, subiu
À ponta do paredão
E depois ninguém o viu...

E depois ninguém o viu
Ir ao pinhal por pinhões.
Fugiu da sesta às enguias,
Fartou-se de mexilhões...

Rolou nas ondas, cafu,
Assim como quem desmaia
Entre toda a porcaria
Que desemboca na praia...

Azurara, Julho de 1979

SANTOS SILVA

PARTILHANDO

□ Estou a ouvir o Bento rir à gargalhada e chamo por ele.

— De que te estás a rir?

— Eles fazem-me rir: o Ulisses fez uma careta!... — E exemplificou.

Entretanto, diz-me que hoje — só hoje — é chefe dos «Batatas». O chefe n.º 1 é o Carlitos, que foi para a venda do jornal.

— Há bocadinho o Carlos Lisboa, levou duas chapadas, mas começou a «arrebitar» e levou mais. O «Faniqueira» disse-me que se eles não me obedecessem, que lhes «cascasse». Eles «arrebitam»...

Perguntei-lhe se gostava de ser chefe e se custava muito. Que não e que sim...

— Oh! Está a ver! Vou-me confessar e disse ao Nando para ser chefe; e eles já fugiram do trabalho!!

— Eu vou lá.

Encontrei-os todos a um canto e o novo chefe a distribuir rebugados. É mais fácil dar rebugados que dar trabalho.

Pensei depois que o Bento na confissão teria dito das suas arrelias daquele dia como chefe... Severo e exigente! Mas como pessoa é amigo dedicado e carinhoso! Duas atitudes de chefe bem distintas, qual delas a mais humana! De um lado, o rigor das coisas; do outro, o amor por elas e por eles... As duas são necessárias para viver. Positivas e complementares. Nem sempre é fácil compreendê-las e respeitá-las, ao mesmo tempo, por aqueles que as recebem. O rigor do Bento é amor que não se vê... O amor do Nando é visível nos rebugados doces. O segundo irá ter mais amargos de boca — como chefe!

□ O Vieirinha, de vez em quando também é chefe de pequenos grupos da «lenha».

Ele, que nem sempre sabe tomar conta de si, é escolhido pelos seus superiores da «lenha», para tomar conta dos seus... Noutros lados, isto seria uma grande contradição. Aqui, não deixando de o ser também, é ousadia de uma educação: eles, uns pelos outros, são servidos e servem! Direitos e deveres! Nas suas mãos são colocadas vidas difíceis e caras. Os chefes sentem bem o amargo desta sua missão. Pela sua vida difícil e cara é que o Vieirinha terá sido escolhido para chefe, pelos seus chefes! Sim, para que sinta na carne e no espírito o preço caro de sua vida difícil... A intuição de alguns rapazes, na educação, é pedagogia avançadíssima. Às vezes, até demais. Vejam só, sem sairmos deste caso para fora: Vieirinha é caso crónico em histórias de chaves. Seus chefes sabem disso... Passam-lhe para a mão a chave do coté da piscina. Ele vai, fecha-se por dentro e dorme uma soneca, na hora do trabalho... Quando pensa sair, a fechadura avaria-se e ele esconde-se num cantinho a descansar mais um pouco. Não veio almoçar, nem ao trabalho, nem ninguém sabia de nada... Só o «Ziguezague» sabia e nada disse — por medo(?) — e, por isso, castigado por ter medo de salvar quem estava perdido e fechado!

E fiquei tão contente ao vê-lo preso nas malhas da sua imaginação louca, que a tristeza do caso passou-se quase todo para a fechadura nova que será preciso pôr! Se o Vieirinha aprendesse a lição para sempre!... Ele que também já é um «escolhido» pelos seus chefes! Continuamos a acreditar nele!? E se a vida está cara, as nossas são caríssimas, assim!

Padre Moura

Notas do Tempo

Cont. da 1.ª página

das, baterias, escorregões... «Mas nós, lá, gastamos fortunas em brinquedos lindos, perfeitos e as nossas crianças não experimentam a satisfação destes!» Não é o ter que faz a felicidade; é o ser. Planear o brinquedo, realizá-lo — é a essência de brincar. Uma vez feito, usa-se, mas em breve farta e esquece. Criança ou adulto, o Homem sente sempre esta sedução de fazer a partir de si, muito mais do que a partir do que tem. Imagem de Deus Criador, depositário da Criação, que admira que assim seja?!

Lá nas alturas do «nosso» moinho (e não apenas pela altitude em que ele está!) o meu pensamento descia à planície dos Centros de Turismo, onde tudo se prevê em atenção a quem os procura para descansar... ou para se cansar ainda mais, senão no corpo, ao menos no espírito, que não encontra espaço nem tempo para se dilatar.

2 O correio de hoje também nos trouxe desabafos:

«Peço desculpa de só agora pagar O GAIATO, mas a vida andou para trás e não tinha dinheiro. Já vendi uma casa e agora tenho de vender aonde eu vivia. Tenho 81 anos. Estou a viver nas Antas, rua... Peço para mandar o jornal para esta direcção, até ver.

Desculpe de ser tão mal escrita, mas tenho a mão a ficar encolhida.»

Outro:

«A assinante n.º... envia esta importância para pagamento da assinatura do jornal e pede desculpa de só ainda poder pagar esta anuidade, mas não é por lhe faltar a vontade de contribuir com mais visto tudo estar a subir assustadoramente, mas é que sou uma viúva de 87 anos que vive de rendimentos antigos, em que se amealhavam todos os tostões para juntar para a velhi-

ce porque se não tinha as regalias que agora há e vem-nos na situação aflita de ninguém olhar por nós.»

Que acrescentar?... Aqueles que viveram no duro toda a sua vida, acabarão como viveram. São as primeiras vítimas dos desvarios do tempo. Outras, agora indefesas e inocentes, por que preço virão a pagar os mesmos desvarios?

Se o risco de perder a nossa identidade nacional cresce e se aproxima vellozmente; se a fome tem de vir; se só ela tem o poder de despertar esta nação dormente para a urgência de trabalhar, para a disposição de sofrer um intermédio doloroso de penúria, que nada tem a ver com a «austeridade» em que há anos se vem falando — então que venha quanto antes, para que paguem já os que têm mais culpas e não seja tão pesado a cada um o que houver para repartir por todos.

Padre Carlos

REFLECTINDO

Cont. da 1.ª página

nhas lições de catequista chamo muitas vezes a atenção dos meus alunos, para a preocupação que devemos ter com aqueles que são mais pobres do que nós e numa das vezes em que falava no assunto alguns disseram-me:

— Na minha rua anda um rapaz que tem os pais alcoólicos que não se preocupam com ele e assim anda sempre ao Deus dará

A catequista respondeu-lhes: — Trazei-mo cá.

O rapaz foi. Sentiu-se acarinhado. Mostrou-se receptivo. A sua vida familiar é na verdade miserável. Tem onze anos. Por faltar à escola frequenta a primeira classe.

A catequista veio falar connosco. Aquele rapaz é filho da sua vontade de comunicar aos seus alunos o Amor de Deus. Agora sofre:

— Sou costureira, vivo com a minha mãe, sou pobre. Queria arranjar um lugar onde o rapaz tivesse uma família que o guiasse. Por isso vim ao Gaíato pedir para o receberem.

Mostrei-lhe o monte de car-

tas com pedidos semelhantes e contei-lhe das nossas pequenas possibilidades de arranjar-mos vaga. Que iríamos ver se seria possível a sua entrada.

● Trouxe-vos hoje não os casos mais significativos, mas os últimos que vieram até mim, para que os nossos leitores comunguem connosco estes problemas.

Como estamos longe, no nosso País, de criarmos condições suficientes para atender a tantas necessidades! Como estamos longe de as atendermos e longe de procurarmos os caminhos capazes de conduzir a uma situação onde os mais desfavorecidos tenham amparo!

P.e Abel

Lar Operário em Lamego

É hábito este jornal empregar quase sempre os mesmos títulos. Às vezes não dizem nada do que pareciam indicar, mas a doutrina exposta é verdade para a inteligência e riqueza para o coração.

Nós também escrevemos «Lar Operário» e vamos falar do «Jardim» em Samodães. Esta povoação é pequenina e de poucos recursos, mas com direito às estruturas comuns. Não me parece que a obra agora empreendida seja um luxo. Tendo em conta o esquecimento, a indiferença, para não dizer o abandono em que têm vivido, a única esperança, no meu modo de ver, está nos cuidados especiais com as crianças. Talvez assim se possam melhorar as gerações futuras.

Concordo com o que sempre se disse e hoje continua a ouvir-se de que não interessam **palavras**. Dizer mal da sociedade, criticar os jovens, afirmar que há falta de educação, sem dar um passo para que tal não aconteça, é perder tempo. Nestes pensamentos, apesar das enormes dificuldades que vão surgir, encontramos força para o levantamento do «Jardim Infantil».

Já há aí quem nos chame louco por nos atrevermos a tal empreendimento. E fazem perguntas: — Onde vai ele (eu) buscar o dinheiro? Tem ajudas do Estado? Conta com o Totobola ou a sorte grande? — Ele (eu) não sabe que somos 100 famílias, onde 80 e tal são pobres?

Tudo isto é verdade. Igualmente é verdade que precisamos de deixar, pelo caminho, gotas de sangue, para que possa haver redenção. É ainda verdade que não findou a generosidade de muitos corações. Verdade é também que o Pai do Céu continua com o mesmo poder de transformar pedras em filhos de Abraão; de fazer sair água do rochedo como fez para matar a sede à gente revoltada de Moisés; de com um minuto lanche dar de comer a milhares de pessoas. O Poder é o mesmo, as necessidades, se não forem maiores, são iguais. Por isso temos como certo o milagre do «Jardim Infantil» em Samodães.

P.e Duarte

Setúbal

Cont. da 3.ª página

Se o irmão não é capaz de seduzir o «Fátima», quem será capaz de o fazer?!

■ O nosso rei! Ele já faz recados. Ainda ontem reparei que ele trazia um prato de ameixas para o seu «Tété» se refrescar.

«Tété» é o que ele chama ao Senhor Padre Acílio. Como

hão-de saber bem estas ameixas!...

Mas eu queria dizer mais: tem havido disputa para o terem ao colo. Todos querem o nosso rei. E quem não deseja sentir o sorriso cândido desta criança arrancada às garras do lixo?

Quantos «reis» por este Portugal fora a pedir que o homem dê o lugar a quem tem direito!

Ernesto Pinto



Gaiato

Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 38.300 exemplares